

NARRATIVAS DA NATUREZA E BIOÉTICA: O CASO DO VEGETARIANISMO

NARRATIVES OF NATURE AND BIOETHICS: THE CASE OF VEGETARIANISM

Hugo de Carvalho Ferreira*

Cite este artigo: FERREIRA, Hugo de Carvalho. Narrativas da natureza e bioética: O caso do vegetarianismo. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p.77-91, 27 de março. 2016. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 27 de março de 2016.

Resumo: O presente artigo aborda o uso retórico de “narrativas da natureza”, isto é, como a representação da natureza pode ser mobilizada para a construção de argumentos e justificativas. Para tal, faz-se uma breve introdução à ideia de natureza no pensamento moderno. Em seguida, aborda-se o caso do vegetarianismo e das representações do ato de comer carne, buscando ilustrar de que maneira as noções de natureza/cultura aparecem nos discursos daqueles que defendem e que condenam o sistema atual de produção e consumo de carne animal. Por fim, faz-se um exercício de aplicação destas ideias para questões bioéticas atuais.

Palavras-chave: natureza-cultura; relação homem-animal; vegetarianismo; bioética; modernidade

Abstract: This article discusses the rhetorical use of "narratives of nature," that means, how the representation of nature can be utilized for the construction of arguments and justifications. Then, it is presented a brief introduction to the idea of nature in modern thought. Hereafter, It focus the case of vegetarianism and the representations of eating meat, in order to show how the notions of nature/culture appear in the discourses of those who defend and condemn the present system of production and consumption of animal flesh. Finally, it aims to apply these ideas to current bioethical issues.

Keywords: nature-culture; human-animal relationship; vegetarianism; bioethics; modernity.

O homem é mau *por natureza*? Os homens são mais violentos do que as mulheres *por natureza*? Existem homens superiores *por natureza*? Alguns homens fazem algo melhor do que outros *por natureza*?

Certamente o leitor está familiarizado com estas frases ou formulações sobre a natureza humana. O poder destes argumentos “naturalizantes” não é acidental. Se nos gregos e na pré-modernidade o homem era essencialmente distinto da natureza, atualmente, no ocidente, predomina a concepção segundo a qual o homem é parte da natureza, e sendo assim, está sujeito às leis da natureza – seja essa mesma natureza feita por Deus ou não. Dessa maneira, algo que é

natural não pode ser modificado, apenas aceito, o que obviamente funciona como lei irrevogável, ou seja, para além da mera superficialidade e controle das leis humanas. Por outro lado, o leitor que está familiarizado com a noção de construção social, sabe que esta funciona de maneira diametralmente oposta, i.e., se algo é construído socialmente, esse mesmo algo não é natural e poderia ser construído de outra maneira.

Dito isso, dentro de inúmeras discussões passadas e presentes sobre os mais variados temas, é notório o uso de “narrativas da natureza” como poder argumentativo. Por exemplo, caso se queira legislar ou normatizar um dado comportamento humano e alguém “comprova” que esse comportamento é natural, vê-se que a formulação de leis no âmbito político buscando controlar uma lei natural está fadada ao fracasso (equivalente ao decreto de um rei proibindo as chuvas nos fins de semana). É essa noção que defende maiores taxas de adultério por parte dos homens já que estes seriam naturalmente promíscuos; ou que os pobres continuem pobres e não recebam ajuda já que é a competição que predomina entre as leis naturais da vida.

Com base nessas ideias, o presente artigo está centrado na compreensão de como a formulação “por natureza” é usada retoricamente nos dias de hoje. Para tal, será feita uma breve introdução ao modo como a ideia de natureza foi construída no ocidente moderno, e exemplificando como alguns naturalismos apareceram ao longo da história, seja para se opor (homem de um lado, natureza do outro), seja para se incluir (os homens também são parte da natureza). Após esse panorama geral sobre a relação homem/natureza, será feita então uma análise sobre um tema contemporâneo – o ato de comer carne: o homem comeria carne *por natureza*? Vale ressaltar, não se busca aqui um julgamento ou uma resposta “correta”, e sim, levantar uma questão antropológica, ou seja, investigar quais os pressupostos subjacentes a essas concepções e como as representações naturalizantes e humanizantes do homem são mobilizadas para a produção de argumentos.

1. O homem e a natureza

A oposição homem/natureza ou cultura/natureza se constitui enquanto um aspecto fundamental do pensamento ocidental. No ocidente, o estatuto de humanidade foi construído em relação à natureza. Segundo o mito cristão, Deus fez a natureza para servir o homem – que por sua vez foi criado à imagem e semelhança de Deus. É claro, como se sabe, muitas outras sociedades se relacionam de maneira distinta com as coisas do mundo, sendo a própria ideia de natureza uma construção ocidental, formulada em oposição à ideia de homem.

Apenas para ilustrar a especificidade dessa concepção, pode-se ater às sociedades ameríndias das terras baixas da América do Sul, onde os nativos concebem apenas uma cultura e várias naturezas (ao contrário de nós, que vemos uma única natureza e várias culturas). O que eles veem como onça não é uma onça por si só, mas uma onça para eles; mas na ótica da própria onça, ela é um homem. Quando os ameríndios veem uma onça beber sangue, pensam que, para a onça, o sangue é cerveja. Assim, muitos outros seres vivos caçam, festejam, casam, dançam, cantam, etc., isto é, *só existe uma cultura* – a diferença é que esta cultura aparece sob a forma de diversas naturezas (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Voltando ao pensamento ocidental, apesar da cosmologia cristã, o mundo natural na idade média não era visto como hoje. Era um mundo vivo, espiritual. Segundo Capra (1996), é na modernidade que a ideia de um mundo natural é construída. Esse mundo moderno é semelhante a uma máquina, engenhosamente projetada, e que funciona a partir de determinadas leis específicas.

Com efeito, conforme ilustra Capra (1998), é exatamente essa a proposição de Descartes (considerado por muitos o fundador daquilo que se poderia chamar de pensamento ocidental moderno). Se o mundo é uma máquina, a ciência deve buscar racionalmente essas leis de funcionamento. Se o mundo como um todo funciona mecanicamente, qualquer parte do mundo está submetida às mesmas leis. Logo, seja o oceano ou um copo d'água, a matéria será regida pelas mesmas leis. Mais do que isso, é recomendável que o cientista/pensador fracione as coisas ao máximo, de modo que seja mais simples apreender essas leis. Vale dizer, a máquina para Descartes não é apenas uma metáfora. Segundo ele, quando se abre um rato e se ouve os gritos de dor, estes gritos são na verdade o ranger das engrenagens (o rato concebido enquanto relógio). O próprio corpo humano é uma máquina, feita de carne e osso, i.e., apenas matéria. O que faz o homem ontologicamente distinto dos animais não é seu corpo, mas sua alma. É a partir dessa noção que se construiu as representações da natureza no pensamento moderno, funcionando mecanicamente e irracionalmente.

No entanto, segundo Capra (1996), logo os herdeiros positivistas de Descartes se encarregaram de extirpar a alma humana, reduzindo a mesma para a organização da própria matéria. Para Capra, é com Julien de La Mettrie, no século XVIII, que o materialismo-mecanicismo se coloca de vez tanto no homem quanto na Natureza. Nas palavras de La Mettrie:

Será preciso mais (...) para provar que o Homem nada mais é do que um Animal, ou uma montagem de molas que se engatam umas nas outras de tal modo que não é possível dizer em que ponto do círculo humano a Natureza começou?... Na verdade, não estou equivocado; o corpo humano é um relógio, mas imenso e construído com tanto engenho e habilidade que, se a roda denteada, cuja função é marcar os segundos, pára, a dos minutos continua girando seu curso.

Essas ideias geraram muitas controvérsias em relação sobre o que seria o homem. No entanto, a ideia de uma natureza mecânica sem dúvida se consolidou, e é a partir dela que se delinea o tópico a seguir.

2. Humanidade e animalidade

Até aqui, viu-se uma concepção de homem enquanto humanidade. Em outras palavras, o homem enquanto ser qualitativamente distinto da natureza, dotado de alma, razão, pensamento abstrato, linguagem. Atualmente, a pergunta “quem é humano?” pode parecer completamente sem sentido. No entanto, ela era feita durante as grandes descobertas desde o século XV. Com base em Lévi-Strauss, Viveiros de Castro (2002) conta que os espanhóis se perguntavam se os índios ameríndios eram ou não humanos, e ao final concluíram que sim, já que estes podiam aprender sua língua e serem catequizados (logo, é a capacidade de serem

cultivados ou civilizados que conferiam sua humanidade). Por outro lado, os índios se perguntavam a mesma coisa em relação aos espanhóis, mas o teste era distinto: eles jogavam os cadáveres dos espanhóis no rio e esperavam os mesmos apodrecerem, e no final também concluíram que sim: eles são humanos, pois se decompõe de forma semelhante aos corpos deles (para eles, como já foi dito, é a natureza quem confere o estatuto da humanidade, e por isso, corpos semelhantes representam uma mesma natureza humana).

Como se sabe, é sobretudo com base nas teses de Darwin e com a obra *A Origem das Espécies* (1859) que a ideia de homem muda radicalmente. Com a teoria da evolução, o homem deixa de ser visto como um ser qualitativamente distinto dos seres vivos não-humanos. Segundo a teoria, os grupos de seres humanos não são mais do que ramos da árvore da vida (cladograma), e compartilham ancestrais com outros seres vivos.

Fazendo parte do grupo taxonômico dos primatas, seriam os chimpanzés e orangotangos os seus parentes mais próximos. É claro, pode-se dizer que o homem continua sendo diferente dos demais animais devido a sua capacidade de abstração, uso e produção de instrumentos ou ferramentas, linguagem, etc., no entanto, para as ciências naturais, essa seria uma diferença quantitativa, ou seja, em algum momento da história evolutiva de certos primatas houve uma ruptura, onde então se pôde reconhecer a humanidade dos homens. Porém, já não é mais a mesma humanidade de antes, e sim, uma humanidade estrangida pela animalidade. Em outros termos, o Homem pode ter cultura, mas antes de qualquer coisa, é um animal. Pode-se citar aqui uma defesa extrema da animalidade presente no livro *O Macaco Nu*, onde Desmond Morris, um zoólogo, propõe o estudo do homem enquanto animal. O homem não seria mais do que um macaco muito excêntrico – bípede, sem pêlos, inteligente, carnívoro, infantil e extremamente sexual – mas ainda sujeito às mesmas leis naturais ou biológicas que os demais macacos.

Portanto, segundo Ingold (1995), o Homem passou a ser concebido de maneira ambígua: de um lado, sua humanidade, distinguindo-se da natureza de forma qualitativa, sendo um ser singular; do outro, sua animalidade, fazendo parte da natureza, e distinguindo-se dos outros seres vivos de maneira quantitativa, e em última análise, possuindo tanta singularidade quanto quaisquer outras espécies.

Nessa esteira, é curioso ver como a naturalização do mundo e do homem se desdobram em ações e políticas concretas. A título de exemplos já largamente abordados pela literatura antropológica, citam-se aqui uma síntese dos desdobramentos da oposição natureza/cultura nas questões de *raça* e *gênero* como esses (quadro 1).

QUADRO 1. Síntese dos desdobramentos da oposição Natureza/Cultura nas questões de raça e gênero.

	Natureza	Cultura
--	----------	---------

<i>Gênero</i>	Mulheres e crianças	Homem
	Impulsão, emoção, sensibilidade	Razão e controle emocional
	Esfera doméstica, relação com alimentos e outros seres vivos	Esfera política/pública, relação com objetos técnico-científicos
<i>Raça</i>	Primitivos	Civilizados
	Explicação mágico/religiosa, superstição, memória oral	Explicação lógico/científica, razão/cálculo, escrita
	Sociedade baseada em “recursos” naturais	Sociedade baseada em cultura material e objetos técnicos

Nesse sentido, parece oportuno introduzir o livro de Latour *Jamais Fomos Modernos* (1994), onde o autor argumenta que, apesar desta separação conceitual, cultura e natureza sempre se influenciaram mutuamente na modernidade. O que seria o campo da ciência (natureza) e campo da política (cultura), como entidades estanques, purificadas, na verdade são grandes híbridos na vida vivida. As ideias e leis naturais se traduzem cotidianamente em ações ou ideias políticas, assim como a política influencia caminhos e a produção de conhecimento científico. Assim, fica evidente o uso político das noções de homem e natureza, humanidade e animalidade, e que em última análise se concretizam em colonialismo, racismo, machismo, e entre muitos outros. E é claro, todos eles muitas vezes consolidados em direitos desiguais (ex: direitos sobre escravos, restrição de votos por parte das mulheres).

3. As representações do ato de comer carne

Após essa introdução às ideias de natureza e de cultura que fundamentam o pensamento moderno ocidental, pode-se agora analisar como estas mesmas ideias se articulam ao consumo de carne animal.

Em primeiro lugar, vale salientar o papel central que a carne animal tem no *menu* ocidental. Basta uma rápida olhada em qualquer cardápio de bares e restaurantes para ver que a parte principal da opção diz respeito a um tipo de carne animal (boi, porco, frango, peixe, frutos do mar, etc.), salvo raras exceções, e sendo a mais comum delas variações de ovo. É evidente que um prato, para ser um prato “verdadeiro”, deve ter algum componente animal (exceto talvez em no caso das massas como macarrão, pizza, etc.).

É bem provável que esse hábito tenha raízes históricas europeias, e do mesmo modo que a modernidade criou seus ideais de civilização e educação, em oposição ao primitivo e bestial, criou também seu ideal de alimentação baseado no consumo de carne animal. No bojo da ideia de domínio e instrumentalização da natureza por parte dos ocidentais, a carne ganhou seu lugar especial nos cardápios.

Segundo Thomas (2010), a partir do século XV o europeu se tornou excepcionalmente carnívoro se comparado aos orientais, que possuíam alimentação basicamente vegetariana. Naquele período, Londres, berço do capitalismo e das revoluções industriais, era caracterizada pela grande quantidade de matadouros e açougues; os cidadãos sentiam pena dos camponeses já que estes tinham alimentação baseada em leite, queijo e raízes. Conforme os médicos da época: “de todos os alimentos [...] [é a carne] o mais conveniente à natureza do homem e aquele que produz a nutrição mais abundante para o corpo” - acreditava-se que a carne tornava os homens mais viris e agressivos (THOMAS, 2010). Diga-se de passagem, para o caso brasileiro, é comum nos dias de hoje a associação entre masculinidade e ingestão de carne. A título de ilustração, e fazendo um paralelo com a questão de gênero já discutida, parece incômoda a seguinte imagem de um casal fazendo uma refeição: ela despedaçando um pernil; ele comendo uma salada de rúcula.

Para um exemplo mais claro sobre a relação entre consumo de carne e gênero, basta uma busca no *Google images* pelos termos “advertisement” (propaganda) e “meat” (carne)[1]. Nas imagens, veem-se principalmente os seguintes aspectos: a predominância da cor vermelha (relacionada com a sensualidade e a agressividade e uma possível relação de dominação com a natureza); e a presença de homens, exceto quando uma mulher aparece sensualizada próxima ao alimento (fig. 2) ou quando uma dona de casa prepara a comida para a família (já que o marido enquanto homem precisa mais de carne) (fig. 3).

FIGURA 2. Imagem de duas mulheres numa paisagem *country*, com vestimentas e posições sensualizantes, comendo um enorme sanduíche de carne bovina (vale notar a relação entre o ideal americano associado ao automóvel ao fundo e aos símbolos/cores nacionais).



FIGURA 3. Imagem de uma propaganda mostrando um ideal típico da família americana (a dona de casa, o marido engravatado e o filho) diante de uma refeição de carne supostamente saudável e vigorosa.



Ao contrário, digitando os termos “advertisement” e “salad” (salada) ⁱ, vê-se a maior frequência com que mulheres magras, em geral não-sensualizadas e com aspectos felizes em imagens com fundo branco/claro, aparecem nas propagandas com uma tigela de salada nas mãos (fig.4). E também, uma predominância da cor verde, sugerindo um aspecto de harmonia com a natureza (fig. 5). O fato, é que há uma diferença gritante entre essas mulheres das saladas e aquelas dos hambúrgueres.

FIGURA 4. Imagem de uma mulher “feliz”, em posição não-sensualizante, diante de uma tigela de salada. Note-se a predominância de cores claras.



FIGURA 5. Imagem de uma mulher “feliz”, em posição não-sensualizante numa paisagem “natural” diante de prato de salada. Note-se aqui a predominância de verde e cores claras.



Em suma, talvez seja possível apreender um exemplo do poder das representações que envolvem a cultura ocidental, onde se vê a cultura/civilização masculina associada ao consumo de carne, em oposição à natureza feminina das selvas e da coleta de frutos.

Dito isso, pode-se agora tratar o tema central do texto, a saber, o uso retórico da ideia de natureza no debate sobre o consumo de carne. O meu interesse nessa questão começou ao ver os comentários de uma esquete do grupo de humor on-line *Porta dos Fundos*. A esquete, intitulada *Garçom Vegetariano*, mostra uma conversa entre um casal e um garçom num restaurante; diante dos pedidos do casal (que sempre envolvem carne animal como peixe, frango ou boi), o garçom reage com comentários desconcertantes. Por exemplo, ao ser perguntado sobre o modo de preparo de um bife à Oswaldo Aranha ele responde “Ele vem morto...um pedaço de animal morto que não fez nada para merecer isso”. O que interessa aqui é que os comentários situados na página do vídeo tratavam predominantemente da “carne” ao invés da esquete em si – o que evidencia a polêmica que gira em torno do assunto.

Desse modo, proponho como método a análise destes comentários, com o intuito de ilustrar a diversidade de concepções e argumentos sobre o consumo de carne.

3.1 Uma construção social da naturalidade da carne

Após acessar a página da esquete *Garçom Vegetariano*, selecionou-se alguns comentários os quais serão reproduzidos aqui com algumas poucas edições de conteúdo e certas correções gramaticais e ortográficas:

“[A] espécie humana é predadora por natureza, por isso nossos olhos são frontais e não laterais como os de uma galinha, por exemplo. Parem de tentar discutir algo que vem da nossa natureza, a de matar para se alimentar (...).”

“Então avise aos animais carnívoros que eles devem se alimentar de vegetais também...se todos concordarem não vão ser os humanos que vão se opor!”

Está evidente a temática dos comentários acima, onde o consumo de carne faz parte da natureza humana, comprovada tanto pela morfologia humana (dentes caninos, olhos frontais) como por sua natureza assassina. No segundo comentário, fica evidente como a ideia de natureza é utilizada na dimensão política, ou seja, se é pelo bem dos animais que se deve parar de comer carne, então que todos os animais (inclusive os não-humanos) o façam. Além disso, a noção de uma natureza sangrenta e implacável, como aquela que já se fazia presente na polêmica [2] sobre os icneumonídeos e a qual foi reforçada com os trabalhos de Darwin, aparece de forma ainda mais clara no comentário abaixo:

Você concorda que todos somos animais? Concorda que chegamos num grau de desenvolvimento que os outros não chegaram? Concorda que quando um animal tem oportunidade ele devora os outros? Concorda que isso é instinto de sobrevivência, seleção natural e prevalência dos mais for-

tes? Concorda que se os beagles[3] tivessem evoluído mais que os humanos, talvez fariam experimentos conosco? Então... respeite a natureza, por favor.

O ponto do comentário é o instinto de sobrevivência que impera na natureza, incluindo aí o próprio Homem. Mais do que isso, trata-se de uma questão de poder. Se outros animais pudessem nos escravizar, subjugar e matar, eles fariam isso. Logo, que sejamos nós, homens, já que conquistamos essa posição.

Outro tema interessante é a vitalidade/vigor, que se fez presente em alguns *posts* como o abaixo:

“Não precisamos comer carne? Fala isso pro pedreiro batendo laje desde 7h da manhã até o sol se pôr.”

É curiosa a aproximação entre esse discurso da vitalidade/energia/trabalho e daquela comentada por Thomas (2010) na Inglaterra pós-idade média.

Por fim, cita-se o comentário abaixo, o qual ilustra uma típica retórica pró-carnívora, a qual não defende nada em relação ao consumo de carne, mas simplesmente, a ineficácia de uma mudança para o vegetarianismo, atestando que os vegetarianos são hipócritas por defenderem os animais e matar os vegetais:

“Salada? Ser vivo; planta; que nasceu de uma semente; que dá oxigênio para os animais e outros seres vivos; foi arrancada da terra; fatiada e temperada, para saciar essa vontade que você tem de plantas.”

3.2 A imoralidade da carne

Muitos homens sentir-se-iam desonrados se surpreendidos a preparar com as próprias mãos uma refeição, de comida animal ou vegetal, como a que diariamente outros preparam para eles. Contudo, até que se modifique essa situação não podemos considerar-nos civilizados [...]. Não será já uma recriminação dizer que o homem é um animal carnívoro? Sim, ele pode de fato viver, em grande medida, à custa de devorar outros animais; mas esse é um meio deplorável — como pode comprovar quem se dispuser a armar ciladas contra coelhos ou degolar cordeiros —, e aquele que conseguir que o homem se submeta a uma dieta mais simples e saudável será considerado um benfeitor da humanidade. Quaisquer que sejam minhas práticas de alimentação, estou convicto de que faz parte do destino da raça humana, em seu progresso gradual, abandonar o hábito de comer animais, do mesmo modo que as tribos selvagens abandonaram a antropofagia ao entrarem em contacto com os mais civilizados.

Henry D. Thoreau (1817-1862), *Walden, ou A vida nos Bosques* (2007).

Passemos agora para a análise daqueles comentários que repudiam o sistema atual de produção/consumo de carne. Em primeiro lugar, é importante frisar aquilo que poderia ser chamado de vegetarianismo. Faz-se essa distinção para ter em vista o lado político da alimentação de algumas pessoas, e não uma mera abstinência de carne animal. Com essa ressalva, pode-se começar pelos comentários que enaltecem a capacidade de razão humana, e por isso, os homens poderiam “burlar” as ditas leis da Natureza. Assim, os homens podem escolher comer carne ou não. Em resposta ao instinto carnívoro, responde-se:

“Os animais não têm escolha. Você tem. Não existe nenhum argumento lógico para comer carne, só desculpas.”

E independentemente do que se encontra na Natureza e da guerra de todos contra todos, os homens podem fazer seu próprio julgamento moral:

“Animais predadores devem matar para comer. Humanos, ao contrário, têm uma escolha; nós não precisamos comer carne para sobreviver. Humanos são diferentes dos animais não-humanos porque são capazes de conceber e agir de acordo com um sistema de princípios morais; portanto, nós não podemos procurar orientação moral no comportamento dos animais.”

E de acordo com um dos comentários, por mais que o homem seja parte da natureza, uma mudança ocorreu ao longo da evolução que propiciou a racionalidade e a libertação dos instintos naturais:

O nosso desenvolvimento nos proporciona uma coisa chamada evolução mental, e isso faz com que a sociedade gradativamente deixe maus hábitos de lado. No passado mulheres não podiam votar, divorciar, os negros e pobres eram escravizados. E espera-se que essa evolução mental faça que um dia o mau hábito de abusar de animais seja abandonado. A inteligência humana modifica sua essência animal, você não pode comparar racionalidade com irracionalidade.

Além da ênfase na racionalidade humana e na capacidade de escolher outros alimentos que não a carne, o segundo grande conjunto de argumentos não está associado com a mera ingestão de carne, mas ao método/processo em que a carne é obtida. Note-se o que os *posts* dizem:

Para que você possa beber leite vacas são mantidas como escravas, estupradas mecanicamente e manualmente para serem grávidas e conseqüentemente terem sempre leite. Por outro lado, quem é o dono do leite por direito natural não pode bebê-lo (porque o leite é nosso, lembra?). Daí separa-se o bezerro de sua mãe (violando uma lei da natureza) para que possamos roubar seu leite.

O problema do ovo é que para que você possa comê-lo tudo isso tem que acontecer: pintos machos são triturados vivos; galinhas vivem a vida em gaiolas onde não podem nem abrir as asas ou em galpões imundos e abarrotados onde o nível de stress é tão grande que elas cometem canibalismo e para que não firam umas as outras são mutiladas (processo de debicagem).

[Com o objetivo de] atenuar a massificação da violência desnecessária que assola o nosso mundo. Para mim não é certo interromper a vida de um ser senciente e tão individualizado por um siste-

ma nervoso central, como arrebentar um cérebro de um boi com uma pistola pneumática, eletrocutar um frango em uma solução de água salina, ou seja lá qual for o método, só para eu ter uns quinze minutos de prazer sensorial, e quando eu tenho meios alternativos de me alimentar. Isso tudo é uma violência desnecessária.

Mas nenhum deles escraviza seres livres pela mera conveniência de satisfazer seu paladar. Morrer faz parte da vida. Mas nenhum animal na natureza mata outro se não for pela necessidade, nós matamos por futilidade. Matar um ser que tem interesse em continuar vivendo apenas porque o achamos gostoso é imoral.

Fica patente nestes comentários que o problema não é matar ou comer alimentos de origem animal, mas a instrumentalização violenta que estes animais sofrem, como a separação entre mãe e prole (relação natural), o confinamento, e em suma, a prática de uma violência que poderia ser evitada.

Comparando estes comentários com aqueles realizados pelos defensores da carne, vê-se uma diferença fundamental. Os defensores enfatizam a universalidade da natureza, suas leis e instintos, que em relação aos seres vivos, traduz-se na sobrevivência do mais forte, na seleção natural, etc. Sendo o homem um animal, também está constrangido por esses fatores, e consumo de carne é uma conquista do homem em relação aos animais. A natureza carnívora do homem é evidenciada externamente por nosso aparato morfológico (dentes, olhos) e pelas recomendações nutricionais. E mesmo que o homem possa escolher outros alimentos, é legítimo instrumentalizar os animais já que isso foi conquistado por nós, e se os *beagles* pudessem, nos instrumentalizariam da mesma maneira.

Já os contrários, apontam para a evolução da consciência humana (humanidade do homem), a qual deve sobrepujar a animalidade. Por mais animais que os homens sejam, estes são racionais, e podem escolher sua alimentação. Além disso, devem agir de acordo com a ética/moral, e sendo imoral escravizar, separar mães dos filhos, confinar, etc., instrumentalizar os animais é certamente tão imoral quanto instrumentalizar os homens.

Por fim, curiosamente, uma linha de argumentação se baseia justamente na ideia de natureza, por exemplo, quando um dos comentários afirma que o homem é o único animal que se alimenta para além de sua necessidade; ou ainda, em outro comentário, quando se diz que a separação entre o filhote e a mãe pelo homem é um ato de violação de uma lei natural. Em última análise, alguns contrários ao consumo de carne também usam a ideia de natureza como argumento contra os carnívoros. O que, mais uma vez, aponta para a força dos argumentos naturalizantes atualmente.

4. A bioética dos animais

Como se sabe, a bioética é o campo de estudos que abrange questões práticas sobre a vida. Historicamente, segundo Dall'agnol (2012), a bioética tem se debruçado principalmente sobre temas associados à biomedicina como o início e o fim da vida, eutanásia, aborto, clonagem. Porém, o termo “bioética” foi usado inicialmente por Fritz Jahr em 1927, postulando:

“Respeite cada ser vivo por princípio como fim em si e trate-o, se possível, como tal” (DALL’AGNOL, 2012). Dessa maneira, para lá das questões biomédicas e biotecnológicas, as raízes da bioética já apontavam para o respeito com as diferentes formas de vida como um valor em si mesmo.

No entanto, como já discutido anteriormente, nas sociedades modernas ocidentais os seres vivos não-humanos foram objetificados. A controvérsia se estabelece quando alguns indivíduos reivindicam o *status* de sujeito para alguns animais. Assim, a base da polêmica sobre o consumo de carne (e que certamente pode ser estendida para a recente onda crítica em relação aos maus tratos de animais e o uso de animais para pesquisas científicas) pode ser sintetizada através de dois pontos-chave: 1) quem são objetos e sujeitos? 2) como lidar com eles?

Com base nos comentários e informações analisadas ao longo do texto, parece que para os defensores da ingestão de carne está implícita uma condição de objeto dos animais, provavelmente uma herança do pensamento cartesiano já mencionado aqui e que via os seres vivos não-humanos e a natureza como uma máquina – não pensam, não sentem dor. Ademais, uma clara noção cristã de que o mundo natural está a serviço do homem e que não possui direitos em si, i.e., o enclausuramento dos *beagles* é sem dúvida justificável se comparado com a utilidade dos cosméticos e fármacos. E mesmo que os animais sejam sujeitos, ainda sim podem ser utilizados pelo homem em razão da natureza competitiva dos seres vivos. Além disso, há aí uma ideia de objeto-mercadoria, a qual já foi e é aplicada a literalmente tudo. De certo modo, uma vez que alguma coisa é mercantilizada sua condição de sujeito é colocada em xeque, e talvez seja o caso dos escravos e da estigmatização das prostitutas (e para aqueles que gostam de ficção científica, dos clones e afins).

No que tange a aqueles que condenam o sistema de produção/consumo de carne, não resta dúvida, os animais não são objetos, mas sujeitos. Os animais sentem dor, sofrem, etc., e por isso, devem ser tratados adequadamente, ao contrário da instrumentalização violenta a qual são submetidos.

Para ilustrar como a “subjetivação/objetivação” de animais pode se fazer presente na sociedade ocidental moderna, cita-se aqui uma conversa particular entre um parente próximo e eu:

(Eu) – Você acha que possuímos alma, quer dizer, algo para além do corpo/matéria?

(Outro) – É claro!

(Eu) - E os cachorros?

(Outro) - Também.

(Eu) - E as tartarugas?

(Outro) - Acho que sim.

(Eu) - E as lombrigas?

(Outro) - Hmm...é, acho que não.

Afinal, por que as lombrigas não podem ter uma alma ou consciência? É óbvio aqui a construção social de uma esfera de subjetividade, e talvez esse modelo seja bem geral no ocidente [4], onde o homem está no centro como sujeito máximo; as pedras e rios estão no pólo dos objetos; no meio, vegetais, fungos, bactérias, esponjas, lombrigas e estrelas-do-mar; um pouco mais próximos a nós, peixes e sapos; ainda mais próximos, os mamíferos e aves; e por último, os seres domésticos como gatos, cavalos e cachorros (melhor amigo do homem). De início, é provável que a domesticação tenha sido importante para uma maior subjetivação de alguns seres. Talvez exista também um fator adicional representado pela proximidade taxonômica/morfológica com os homens. O fato é que hoje ninguém invadiria o laboratório se ao invés de *beagles* estivessem fazendo experiências com cnidários.

Portanto, o exercício que se propõe aqui é que para além de um pólo entre homens e outros seres vivos existe um contínuo de subjetivação, e é justamente a heterogeneidade das representações sobre esse contínuo de subjetivação que gera o conflito entre os que defendem o consumo de carne e os que são contrários ao mesmo. No caso dos *beagles*, enquanto uns os veem como objetos, outros os veem como sujeitos. Para aqueles que objetivam os animais, mesmo que os animais sofram, como comparar o sofrimento de um animal (objeto) com o sofrimento de um homem (sujeito) que não recebeu seu medicamento? Como comparar o sofrimento de um animal ao ser morto frente ao sofrimento de uma criança faminta?

E assim, volta-se então ao objeto principal do texto, isto é, dada a polêmica em torno da subjetivação/objetificação dos animais e como lidar com eles, como se dá o uso retórico da ideia de natureza. Os argumentos que defendem o consumo de carne circulam basicamente na suposta naturalidade da ingestão da carne e da “guerra” entre os seres vivos. Em outros termos, há todo um esforço em mostrar que: 1) o homem deve comer carne em razão de sua natureza; e 2) a guerra entre os seres vivos é natural (desarmando os argumentos que defendem a imoralidade da carne). Como já foi dito, é o poder das leis naturais que está no imaginário, e a cultura nada pode fazer para controlar. Conforme a frase de um dos comentários que defendia a naturalidade da carne: “Respeite a Natureza, por favor”.

Mais do que isso, também se defende aqui a hipótese de uma “alimentação” etnocêntrica baseada no consumo de carne, a qual foi consolidada na modernidade e de certa maneira se presencia esse caso de etnocentrismo ao ver como os vegetarianos acabam sendo rotulados como “românticos”, “idealistas” e “emocionais demais”, e logo, inferiorizados.

Quanto aos contrários ao consumo de carne, a crítica se dirige predominantemente a: 1) uma superação de uma visão objetificante dos animais, reconhecendo neles direitos a serem respeitados; e 2) uma superação da natureza humana devido à razão humana, moral e ética – ou seja, argumentam em torno de uma moralidade alternativa em relação ao senso comum (carnívoro).

Conclusão

Em suma, não é o caso aqui julgar esses pontos de vista, mas apenas um esforço de mostrar como se construíram historicamente os pressupostos que servem de base para os argumentos, bem como a eficácia retórica destes argumentos. Além disso, salienta-se o caráter fundamental das noções de natureza e homem na modernidade, e como essas noções arcaicas se fazem presente em seus desdobramentos – sendo o caso da carne e dos animais aqui explorado apenas mais uma faceta dessa oposição fundamental do ocidente moderno.

Entretanto, por uma razão não muito clara as pessoas vêm mudando suas opiniões em relação a esses fundamentos, e a crítica aos maus tratos de animais ganham cada vez mais força (embora sempre houvesse quem defenda os animais). A simples discussão sobre a carne e os movimentos e pautas atuais em prol dos direitos dos animais são um bom indicador de mudança nas representações dos animais e as consequências práticas daí decorrentes. É provável que este tema deva crescer nos próximos anos já que a invasão sobre o biológico é cada vez mais evidente e profunda, e logo, uma análise das discussões e conhecimentos sobre as representações da vida e dos seres vivos pode se tornar um rico campo de estudo. 🌱

NOTAS

*Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2005 - 2009), Mestre em Saúde Pública e Meio Ambiente (ENSP/FIOCRUZ, 2011 - 2013), atualmente é aluno do curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011 -). Uma versão modificada do artigo foi apresentada oralmente no simpósio Beyond Perception '15, entre os dias 1 e 4 de setembro de 2015.

[1] Ver: https://www.google.com/search?site=&tbm=isch&source=hp&biw=1360&bih=667&q=advertisement+meat&oq=advertisement+meat&gs_l=img.3...627.6086.0.6378.18.9.0.8.0.0.383.1222.2-2j2.4.0...0...1ac.1.47.img..15.3.1014.f46xBHg3tTQ&gws_rd=ssl (Acesso: 23/06/2014)

[2] Os icneumonídeos são vespas que depositam seus ovos dentro de lagartas. Ao eclodirem, as larvas iniciam um processo requintado de fagia da lagarta: comem seus hospedeiros aos poucos, começando pelas partes menos vitais e preservando a lagarta ao máximo, até o ponto em que está resta imóvel e finalmente morre. A polêmica sobre a moralidade destes seres foi mostrada por Stephen Jay Gould, no livro *Os dentes da galinha*, no capítulo II, *A Natureza amoral*. Neste capítulo, Gould apresenta uma discussão teológica sobre os echneumonídeos nos séculos XVIII e XIX. A questão era: como é possível conceber que Deus, criatura onipresente, onisciente e onipotente e de infinita bondade, tenha projetado e criado este tipo de insetos e permitido essa realidade tão sádica e brutal?

[3] O caso dos *Beagles* foi amplamente divulgado na mídia durante o mês de novembro. Trata-se da invasão de ativistas que defendem direitos dos animais e que invadiram um laboratório do Instituto Royal para libertar cães da raça *Beagle* que supostamente estavam sendo maltratados.

[4] Quanto à construção social desta esfera de subjetividade, vale notar que na Índia as vacas são sujeitos, e por isso, respeitados como tais, e não são abatidas por mais que alguém esteja passando fome.

REFERÊNCIAS

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix, 1998.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova concepção científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Pensamento, 1996.

DALL'AGNOL, D. Filosofia e bioética no debate público brasileiro. **Idéias**, n. 4, nova série, 1º semestre, 2012.

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Editora 34, 1994.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena**. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia, p. 345-399. Editora Cosac Naify, 2002.

Recebido em 24/03/2014

Aprovado em 08/10/2015
